

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ
Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORCA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.744

Sexta-feira, 1 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 1111

Por indicação de Carlos José de Sousa, o Conselho Confederal ontem reunido aprovou para redactor principal de «A Batalha», o camarada Manuel da Silva Campos, secretário geral da C. G. T.

Presidente da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

A Internacional do Ensino

e a Associação dos Professores de Portugal, sua aderente

A Associação de Professores de Portugal, aderente à International do Ensino, realiza em Lisboa, nos dias 4 e 5 do próximo mês de agosto o seu primeiro Congresso...

A Humanidade desperta enfim para as grandes lutas, em prol da emancipação. Por toda a Europa, pelo Mundo inteiro, se nota uma esferescência nos povos, se revela a ânsia de realizar um futuro mais justo, mais sublime e heroínico no seu viver social.

Por toda a parte se luta, de todos os lados nos chega o marullar desta onda indomável de perfeição e liberdade, que galgando todas as distâncias e todas as fronteiras, vai beijando a alma de todos os povos, sugerindo-lhes as verdadeiras noções da vida social.

Com o fim de preparar o advento do mundo novo, cujas fórmulas começam já a tomar vulto no azul infinito do Ideal, fundou-se a International do Ensino, que exerceendo a sua ação no seio de todos os povos, advoga os princípios altruistas da solidariedade humana, da paz, do aperfeiçoamento social, tendo por instrumento a Educação, para o que luta pela escola nova, pela escola humana e racional, que há de ser o sol brilhante do mundo de amanhã.

A International do Ensino, crente de que interpreta convenientemente as aspirações dos povos, conhecedoras das actuais tendências sociais, e certa da que é dever de todos os que manejam a arima da Educação encaminhar as gerações para o futuro, empenha-se em fazer da escola a fonte da liberdade e da perfeição, e ao mesmo tempo mantém-se sobre o terreno da luta de classes, e conduz esta luta em contacto estreito com as organizações de luta de classe do proletariado de todos os países...

Em Portugal, um formidável movimento de avigoramento moral, e de luta pela perfeição vem também sendo encetado. Por todos os lados se erguem fortes baluartes de oposição à decadência moral e de apoio aos lutadores do novo ideal. As classes trabalhadoras, são as que em boa verda-de mais se têm empenhado pelo triunfo da causa da liberdade e da perfeição humana.

Entre nós fundou-se também a Associação de Professores de Portugal, secção portuguesa da International do Ensino. A A. P. P. veio há um ano a esta parte alargando o seu campo de ação e impondo-se pela sublimidade dos princípios que preconiza. Pretende, dentro da lógica dos princípios naturais e humanos, e dentro da finalidade da I. E., aperfeiçoar os métodos de educação até agora usados, afastando-os de preconceitos e dogmas de qualquer espécie e rasgando os livros do ensino que só sirvam para atear o fogo entre os povos, estreitar atraições todas as distâncias os laços de solidariedade e fraternidade humana, lutando por isso porque se faga uma educação livre de todas as peias convencionais, dogmáticas e preconceituosas.

A A. P. P. norteada pelas mais profundas aspirações de perfeição, que são também a ética da International do Ensino, para mais facilmente poder levar a cabo a sua obra educativa de ressurgimento e perfeição, aceita como bom, desrespeitando embora o convencionalismo das fronteiras, o princípio da irmanização dos que em todo o Mundo lutam pela causa santa do ensino, e bem assim de todos os trabalhadores mundiais e intelectuais.

Vai a Associação de Professores de Portugal realizar o seu primeiro congresso em Lisboa, nos dias 4 e 5 do próximo mês de Agosto.

E o primeiro passo dado ver avisa.

OS ESCANDALOS NOS CAMINHOS DE FERRO A RUINA E O CAOS NO SUL E SUESTE

A construção das novas Oficinas Gerais acarretou já um gasto de alguns milhares de contos ao Estado, sem a menor utilidade. Material que espera reparação há quatro anos. Um ex-ministro da guerra administrador duma empresa que tem contratos com o Estado. E, para círculo, um administrador geral incompetente e desautorizado

Os contratos que os ex-administradores dos Caminhos de Ferro do Estado fizeram com várias casas fornecedoras de material, estão hoje completamente considerados como ruinosos, porque não houve o menor cuidado em acusar os interesses dos Caminhos de Ferro, apenas se procurou garantir o aliciamento das responsabilidades por parte dos que assinaram tais contratos. Um dos mais importantes e que mais

deseja alegar-se, que as obras que se acham concluídas serão aproveitadas para expansão das actuais oficinas, quando aífora talas obras se tornariam desnecessárias se o local próprio, fosse sido escolhido devidamente o que serviria o dinheiro ali gasto.

A falta de escrúpulos porém é tanta, que os causadores de tais prejuízos, quando uma comissão delegada da Associação Comercial do Barreiro os

milhares de contos que desapareceram na voragem dum administrador caótico, que continua ameaçando reduzindo tudo a escambos.

Em 1920, a intervenção militar dirigida por Raúl Esteves, nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, inutilizou quase todo o material circulante, atirando com as melhores locomotivas as oficinas, que a inutilizaram por completo.

Se essa intervenção se prolonga mais uns dias, sem a apresentação do pessoal, a liquidação de todo o material seria completa e definitiva. Daqui resultou que o Sul e Sueste teve de re-duzir o seu serviço por absoluta carência de tracção e as Oficinas Gerais ficaram pejadas de locomotivas, que tristes e silenciosas passaram a aguardar a intervenção dos operários, para retomarem a sua actividade.

Quatro anos depois, o Sul e Sueste está sem máquinas e com exceção dum ou outro que o pessoal conseguiu arrancar do cemitério onde jaziam inúteis, todas elas continuam sem reparação, sem aproveitamento e sem utilidade, sobre as que foram vijar a Alemanha — como se em Portugal não houvesse indústria, como se os operários portugueses não fossem competentes para realizar as reparações de que elas careciam.

Conclusão: Nem uma medida administrativa para que o material em reparação fosse devidamente aproveitado — apresentando-se-nos hoje as Oficinas, com o mesmo aspecto de há quatro anos — pejadas de locomotivas avariadas.

Foi para enfrentar uma situação tan inadiável que o sr. Nuno Simões nomeou o sr. Pinto Teixeira para administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado — o sr. Pinto Teixeira que apesar de autentico ex-ministro da guerra — o sr. Américo Olavo — que faz parte do Conselho de Administração da referida fábrica é um dos seus administradores, tem garantidos os fornecimentos de trabalhos e os desembolsos do próprio Estado.

Esta inumerosa de factos seria interminável e daria para páginas sucessivas, se ainda alguma coisa de útil se pudesse esperar dum administrador ge-

ral, que depois de ter sido esbofeteado dentro do edifício da Direcção do Sul e Sueste, por um indivíduo que com ele tinha umas contas a ajustar, por causa da história dum contrato em África, se lhe chamavam o Ponto das graças.

E este senhor homem esbofeteado pelos governantes do país para administrar a rede ferroviária do Estado, que por efeito das suas acertadíssimas medidas, acabará por ser vendida em hasta pública.

Os contratos mantêm-se e entre elles

que as salinhas dos carros nas juntas,

produzidas por efeito da sua má colocação, fôssem limadas pelos soldados que lhe chamavam o Ponto das graças.

E este senhor homem esbofeteado

pelos governantes do país para administrar a rede ferroviária do Estado,

que por efeito das suas acertadíssimas

medidas, acabará por ser vendida em

hasta pública.

Que fará o sr. Pinto Teixeira, que tam

disciplinar pretende ser para o

que é o seu caráter?

Estava marcada para o pretérito dia, e promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, uma conferência pública, na sua sede, da qual seria orador o conhecido propagandista libertário Gonçalves Correia.

Pela declaração que o organismo promotor fez inserir em A Batalha, concilia-se que as Juventudes Sindicalistas iam entrar num grande movimento de inteligência onde a mentalidade juvenil afirmasse o seu valor, destruindo a presumível concepção infantilista, que aqueles organismos são apenas centros de banditismo, onde perpassa um sopro de impetuosidade todo o camibalismo das suas taras mortíbdas.

Vindo a público afirmar o seu pensamento, exteriorizando claramente a pureza do seu sentir, provava unicamente a função que as Juventudes Sindicalistas desempenham na luta social, demonstrando categoricamente ser ela educativa, de preparação mental da moçidade operária.

O já referido movimento iniciava-se com uma conferência por um homem que, pelo seu passado bondoso e puro, era a garantia suficiente dum bom exemplo a os jovens, de incentivo à criação dum moral mais sáudável que a burguesa.

Numa lógica de ferro supunham-se no direito de promover na sua sede uma conferência no abrigo dos principios democráticos que animam esta república por um civil que o agrediu como se agredisse um cobarde e que não se desafrontado, ficou colocado na contingência de sofrer segunda agressão?

Provada a sua incompetência, demonstrada a falência de autoridade moral para ocupar o cargo de administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado, dir-lhe há o actual-ministro do Comércio a sua confiança, entregando-lhe os mais do sr. Pinto Teixeira, para que definitivamente ele liquide o que ainda existe no Sul e Sueste?

E o que veremos?

Porém, com as juventudes sindicalistas, que são acoimadas de accionarem pelas alturas, num movimento terrorista, quando em público pretendiam provar a sua vida, as autoridades, com um espírito vago e tacanho, proibem que estes organismos ediquem os seus filiados, como o fizeram no passado domingo com a proibição da conferência de Gonçalves Correia.

Poderíamos com os mais pesados adjetivos estigmatizar um insolente quanto infame atitude das autoridades se essa nossa atitude fosse digna a semelhante caráter.

Simplesmente advertimos o sr. Filipe Mendes, actual governador civil, que é muito mais tática forçar a mocidade que labuta a reunião-se cabalisticamente e a decidir, em harmonia com a sua condição secreta de organização. Não vamos, admirar-se amanhã as juventudes sindicalistas, forçadas a luta com existência privada, surgirem na luta com uma ação embora mais consentânea mas menos legal.

As juventudes sindicalistas têm de realizar uma posição pelo seu valor intrínseco e grotesca, o clericalismo, com a aquiescência governamental, vulnera sem o que de mais liberal alberga o espírito português.

Também têm de realizar-se em várias colectividades conferências abertas, realmente reaccionárias e não nos consta que as autoridades pensassem em proibi-las.

Porém, com as juventudes sindicalistas, que são acoimadas de accionarem pelas alturas, num movimento terrorista, quando em público pretendiam provar a sua vida, as autoridades, com um espírito vago e tacanho, proibem que estes organismos ediquem os seus filiados, como o fizeram no passado domingo com a proibição da conferência de Gonçalves Correia.

Poderíamos com os mais pesados adjetivos estigmatizar um insolente quanto infame atitude das autoridades se essa nossa atitude fosse digna a semelhante caráter.

Considerando que nem só os professores como as mães exercem uma grande influência no cérebro da criança conseguindo, muitas vezes por educação o que não consegue a hereditariade na fixação do carácter do homem e que as impressões da infância são geralmente as que nela mais se radicam e o definem;

O povo reunião, em sessão pública, na sede da U. S. O. de Lisboa resolve, por intermédio destas:

1.º—Protestar e combater contra todas as reacções que se opõem à liberdade dos povos, e do seu progresso.

2.º—Enviar às famílias das vítimas da guerra e aos sobreviventes mutilados as expressões do seu sentimento e à afirmação do desejo de amor e harmonia mundial.

3.º—Desenvolver a mais activa propaganda anti-guerrista e militarista opondo-se decididamente ao desencadeamento de novas guerras.

4.º—Síndicar todos os professores da região portuguesa emitindo-lhes o desejo de que preparem os seus educandos no culto da liberdade e do respeito mútuo, forte de toda a teoria sofista e anticlerical.

5.º—Dirigir a todas as mulheres portuguesas o mais fervoroso apelo para que robusteçam o coração e o espírito dos filhos fazendo-lhes despontar na simplicidade dos seus desejos e concepções um perfeito amor e sentimento de justiça capaz de repudiar a perversidade e a ambição que tem corrompido os homens e as sociedades.

Leu depois a seguinte moção:

Considerando que a grande confusão que teve o seu inicio há dez anos trouxe o luto e a miséria aos povos do mundo, especialmente aos da Europa, e da qual resultou além de dezenas de milhões de mortos e feridos, uma tal anormalidade na vida das sociedades que provocou a carestia da vida pela desvalorização da moeda nos países em guerra.

Considerando que o militarismo é a força que mais se opõe à paz e à liberdade mundial pela inconsciência individual que resulta da própria hierarquia das suas funções e pelo instinto sanguinário que tem o seu estímulo no culto

do morto da pátria.

Considerando que a grande confusão

que teve o seu inicio há dez anos

trouxe o luto e a miséria aos povos do

mundo, especialmente aos da Europa, e

da qual resultou além de dezenas de

milhões de mortos e feridos, uma tal

anormalidade na vida das sociedades

que provocou a carestia da vida pela

desvalorização da moeda nos países em guerra.

Considerando que o militarismo é a

força que mais se opõe à paz e à libe-

rrade mundial pela inconsciência indi-

vidual que resulta da própria hierarquia

das suas funções e pelo instinto sangui-

nário que tem o seu estímulo no culto

do morto da pátria.

Considerando que o militarismo é a

força que mais se opõe à paz e à libe-

rrade mundial pela inconsciência indi-

vidual que resulta da própria hierarquia

das suas funções e pelo instinto sangui-

nário que tem o seu estímulo no culto

do morto da pátria.

Considerando que o militarismo é a

força que mais se opõe à paz e à libe-

rrade mundial pela inconsciência indi-

vidual que resulta da própria hierarquia

das suas funções e pelo instinto sangui-

nário que tem o seu estímulo no culto

do morto da pátria.

Considerando que o militarismo é a

A Câmara e os seus assalariados

Os operários do Município auferem salários miseráveis e a vereação não atende as suas justas reclamações

Dentre as classes trabalhadoras que mais insignificantes salários percebem, contam-se os operários do município. Não tem tido a câmara municipal contemplado alguma pelos seus operários, muito embora estes de há muito tempo venham reclamando melhoria de situação em face da enormidade da mesma.

Chega a parecer fantástico como haja riaduras que possam resistir com salários tão miseráveis como os que auferem os operários do município. Com um trabalho exaustivo como éles têm, ainda não houve ninguém dentro da vereação municipal que se compadecesse da sua situação de miséria, dando-lhes o salário que eles merecem e precisam para se poderem sustentar e os seus.

Como a classe dos operários do município continua lutando pelo aumento de salário junto da vereação, procuramos um dos membros da comissão de melhoramentos que nos elucidou sobre os trabalhos efectuados.

A situação dos operários do município é péssima — diz-nos o nosso interlocutor. Há meses formulámos uma reclamação de aumento de salário que constava da equiparação aos operários arsenais, que ao tempo auferiam os seguintes salários: Profissionais, 17\$00; trabalhadores, ajudantes, etc., 12\$00. E foram atendidos.

Não, pois só em Julho é que a câmara resolveu minorar o estado pecaço em que se encontravam os seus operários. Porém, a miséria que até ali não abandonava os lares dos trabalhadores municipais, continuam lavrando, nãõ

— E foram atendidos?

— Não, que o público saiba, como a câmara paga aos seus operários, que vivem na miséria como se verifica pelos seus mesquinhos salários, jugamos ser isto o suficiente por hoje. E o público que faça os seus comentários.

Próximo do Congresso Marítimo Nacional

Nunca como neste momento as classes exploradas tiveram tanta necessidade de organizar.

E como um congresso é como que um moinho donde saem sempre cada vez mais aperfeiçoadas as aspirações das classes produtoras, eis porque urge que todas as classes marítimas se vão prestando a pôr todo o seu esforço no todo o seu esforço na realização do III Congresso Marítimo, que se deve realizar em Setembro deste ano.

As classes trabalhadoras jamais devem contar com qualquer outro factor de reivindicação que não seja o seu esforço e o seu trabalho persistente.

A ocasião presente é das que não permitem que se despedirem um só momento, sem perigo de retardarmos negigentemente a marcha do imenso cortejo das conquistas sociais.

A grande massa produtora deve concentrar-se tanto quanto possível do papel que num futuro já muito próximo terá de desempenhar. E as classes há a quem compete desempenhar uma missão de grande responsabilidade, num campo vasto de ação, são as classes marítimas aquelas a quem cabe uma das mais vastas e complexas missões.

Verifica-se que o velho organismo social se encontra absolutamente descreditado e falido.

Está moribundo; a sua vida apagada não pode nem deve ser longa. Não está longe o dia em que ele soltará o seu último suspiro. Morrerá vítima dum acumulado formidável de erros condutivos e de vícios terríveis e hediondos.

Não devem portanto as classes trabalhadoras perder um só momento na grande tarefa da organização. O III Congresso Marítimo Nacional poderá marcar um grande passo na estrada das reivindicações sociais, se todas as classes marítimas puzerem, como devem, todo o seu empenho em que delineiem trabalhos práticos e grandiosos, que vão cimentar mais solidamente o edifício da organização.

Não devem elas, classes marítimas, desviar um instante só que seja de tão magnifico assunto. Não se deve esperar coisa alguma do acaso. Só o trabalho nos poderá dar aquilo a que temos direito.

Querer é poder. Basta que todas as classes saibam querer fortemente, para que o III Congresso saia uma obra grande e profícua de que todos se hão de orgulhar de terem contribuído para ela com a sua cota parte.

Os que morrem

João Pinto Monteiro

Vitimado pela tuberculose, faleceu ontem no hospital de São José este camarada, componente do sindicato dos Encadernadores e Anexos, cujo funeral se realiza hoje pelas 15 horas, saindo diretamente da casa mortuária do mesmo hospital para o cemitério de Benfica.

O falecido era irmão de António Monteiro que por este meio convida os seus amigos e camaradas a encorajarem-se no funeral.

Convite

A direção da Associação de Classe dos Operários Encadernadores e Anexos, convida todos os camaradas a incorporar-se no funeral de João Pinto Monteiro, componente deste sindicato, a acompanhar-lhe o funeral no local acima designado.

FUNERAI

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, saindo do hospital de São José, o funeral de Domingos Pereira de Carvalho, operário colchiceiro.

O Sindicato dos Operários Colchiceiros convida todos os associados a encorajarem-se no funeral.

Espectáculo de benefício

No local ante ontem publicado sob este título, dava-se como sendo um dos beneficiários o camarada Gástor Matheus, que nos co-nunciava não ter com esse espetáculo e ser abusiva a inclusão do seu nome no programa de me no.

TEATRO NACIONAL

— HOJE —
A peça em 4 actos, original do dr. JULIO DANTAS

A SEVERA

Vida Sindical

Classes que reclamam

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos — A direção deste Sindicato reuniu ontem, e entre o expediente recebeu uma comunicação do colega António Cavaco, no qual dizia que dentro breves dias apresentaria uma cópia do relatório do ultimo movimento das casas de obras, resolvendo-se, esperar, mas uma vez, à proxima reunião.

Constatou a falta de consideração, de alguns colegas que estão ocupando dois lugares, sendo resolvido convocar para breve uma reunião de delegados. Resolvem, também, saída a Liga das Artes Gráficas de Coimbra.

Oficiais da Marinha Mercante — Assembleia geral extraordinária, reaberta, resolvem vários assuntos de interesse colectivo e rejeitou uma moção de desconfiança ao Conselho Administrativa.

Chapeleiros do Sul — No dia 28, tomou posse a direcção de 1924-25, que logo a seguir reuniu.

Tomou conhecimento de todos os assuntos administrativos e do pedido de demissão dos delegados da associação juntou da comissão técnica do sul, licenciado para ser resolvido na próxima reunião.

Foi deliberado convir-se saídas por ofício a diversas entidades, entre as quais à Confederação Geral do Trabalho, às Associações dos Chapeleiros do país, e aos jornais A Batalha e o Tribune du Chapeau e por intermédio da A Batalha, saídar o operário de todos o mundo. Marcou reunião para o dia seguinte.

Condutores de carroças — Reuniu a comissão administrativa, que despachou a vários expedientes e resolviu realizar brevemente uma reunião magna da classe para tratar das reclamações a fazer ao patronato.

CONVOCAÇÕES

Federação Marítima — Reuniu hoje a comissão administrativa, pelas 21 horas.

Sindicato Único da Construção Civil — Reuniu hoje, pelas 20 horas, a comissão de aumento de salário em conjunto com o Conselho de Secções e a Comissão Administrativa do Sindicato.

Capinteiros de Longo Curso — Tem lugar hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral deste Sindicato, em 2ª convocação, para continuação dos trabalhos pendentes.

Manipuladores de pão — São convidados todos os camaradas a comparecer no sindicato a fim de levarem manifestos para distribuir à classe para a reunião de domingo.

“Mais se convidam todos os membros da comissão de melhoramentos a estarem no sindicato hoje, pelas 12 horas sem falta.

S. U. Metalúrgico — Reuniu hoje, às 21 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar o relatório dos delegados ao Congresso; apreciar o parecer da comissão revisora de contas de 1923; apresentação do balanço trimestral; recomposição da comissão administrativa e outros assuntos respeitantes ao desenvolvimento do sindicato.

Oficiais da Marinha Mercante — A assembleia geral volta a reuniu na próxima segunda-feira, às 16 horas para se ocupar do parecer do Conselho Administrativo.

Fragateiros — Reuniu hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para classe.

Condutores de carroças — Reuniu hoje, as 21 horas, a Comissão Administrativa devendo comparecer todos os seus membros pois os assuntos a tratar dos toros, de pobres cavalos doentes e cansados de trabalho.

Esta selvageria produz, em todos as pessoas de consciência uma grande indignação.

O governador civil declarou à Liga que tinha dado instruções severas à polícia para ser devidamente cumprido o editorial de 15 de Abril de 1889. Foi determinado ao comissário geral da polícia que seja rigorosamente observado o referido editorial, principalmente no que respeita à robustez e vigor dos cavalos em lide e ao comprimento das varas na lide espanhola.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato da Construção Civil de Lagos — Reuniu a comissão administrativa em 25 de corrente, que apresentou mais uma vez o indiferentismo de alguns militantes e a pouca importâcia que estes ligam a assuntos de grande interesse para a colectividade.

Manifestou o seu pesar por se ter convocado três vezes a assembleia geral e não poder reunir por ser o número muito insignificante, atendendo aos assuntos que se tinha a tratar.

Resolveu oficiar à Federação no sentido de prosseguir nas “démarches” encetadas junto do director da Aliança para que esta entidade proibisse os remadores de Lagos, desprezando as ordens dos superiores, continuem a pre-judicar os operários da construção civil, trabalhando como qualquer operário e, o que é mais, desrespeitando o horário de trabalho.

ABASTECIMENTOS

Trigo e preço do pão

O Comissário dos Abastecimentos conferiu ontem com o ministro da Agricultura e director da Manutenção Militar acerca de trigo e preço do pão.

Tânsito de azeite

O Comissário dos Abastecimentos resolveu não permitir o trânsito de azeite dos distritos de Castelo Branco, Leiria, Portalegre, Santarém, Beja e Évora, sem uma guia passada pelo Comissário ou pelos seus delegados naqueles distritos, ficando porém isentas dessa formalidade as remessas até 50 litros.

O azeite que sai dasquelas regiões fica também sujeito à entrega de uma percentagem que o Comissário desfaz a ser vendida nos seus armazéns reguladores.

Comissão pro Manual R. de Oliveira

Volta a reunir hoje, às 22 horas, a comissão de auxílio a este militante

organizadora.

Carta com 100 sélos. 1\$00

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21,45 (9 3/4) — HOJE

Grandiosa festa artística do simpático e valoroso

lutador Português MANUEL GRILLO

dedicado a todos os clubes de sport de Lisboa

UNICO E SENSACIONAL ESPECTACULO em que tomam

parte os mais pequenos lutadores do mundo, os célebres

IRMÃOS LIRA, discípulos do beneficiado que farão

um combate de luta grego-romana e outro de «box».

Em luta livre: MANUEL GRILLO, português, contra RAOUL ST. MARS, belga; CONSTANT MARIN, belga, contra STOLL, alemão; MANUEL GONÇALVES, português, contra SAMSON, americano.

Em luta grego-romana: LESKINOWITSCH, russo, contra RITZLER, alemão; JOSÉ CAMARÃO, português, contra MAUGARDE, francês.

PROGRAMA MONSTRO ULTIMO ESPECTACULO

GERAL, 2\$50 — FAUTEUILS, 6\$00

Últimas notícias

As grandes viagens aéreas

ROMA, 3.º — O aviador argentino levantou vôo para Alepo.

LONDRES, 31. — Os aviadores americanos chegaram às ilhas Orcadas, donde seguiram para a Islândia.

O México e os soviets

MEXICO, 31. — O governo mexicano reconheceu o governo dos soviets.

Na América

Dum choque de comboios resultaram mais de 50 feridos

NEW-YORK, 31. — Em Long Island deu-se ontem um violento choque entre dois comboios de passageiros de que resultaram 50 feridos, muitos dos quais em estado gravíssimo. O náufrago que se seguiu ao desastre foi indiscritível, segundo entre as numerosas mulheres e crianças que neles viajavam.

Um pauroso incêndio em Salónica

ROMA, 31. — Um grande incêndio destruiu por completo alguns bairros de Salónica, em Braga, nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de Agosto; serão relatadas as seguintes teses:

a) «Preparação do Professor», pelos professores Aurora, Judith Amaral e Manuel da Silva;

b) «Estado da instrução primária», pelo professor Portugal, belo professor de Lisboa, Manuel Barroso, e Silva Mende, de Obidos;

c) «Casa do professor», pelo Grémio Escolar de Coimbra;

d) «Estatutos da União», idem;

e) «Lutuosa», pelo Núcleo Escolar de Torres;

f) «Institutos esposados» pelo professor Gomes Belo da Federação de Leiria, Marinha Grande e Batalha, e Pedro de Almeida, de Ceia;

g) «Bônus dos Caminhos de Ferro», pelo professor de Lisboa, Fausto Artur;

h) «Abrasos de pagamento», pelo professor de Torres Vedras, João Caldeira;

i) «Instituto do professorado», pelo professor Constantino Amaral e Manuel da Silva, de Carnaxide;

j) «Fundo de Reserva», pelos professores de Lisboa, Saturnino Neves e Alvaro de Carvalho.

As investigações prosseguem dirigidas pelo professor Attich.

A política francesa

Foi prorrogada até Janeiro a amnistia provisória

PARIS, 31. — O Senado votou depois dos tumultos já conhecidos, a proposta de lei prorrogando até 31 de Janeiro de 1925 a amnistia provisória e fixando o processo de reabilitação dos soldados fusilados e o julgamento.

Na Câmara os Deputados foi votado o restabelecimento do monopólio dos fósforos.

Fracassou a conferência anglo-russa

LONDRES, 31. — A conferência anglo-russa terminou. Foi um completo fracasso. Os delegados bolcheviques não conseguiram levantar dinheiro necessária para satisfazer as necessidades do seu governo recusaram-se a entrar em qualquer acordo para o pagamento das dívidas russas aos credores estrangeiros.

O PORTO TEM SEDE

A Companhia das Aguas é um potentado explorador que intrujoando a Câmara prejudica uma população inteira

URGE CORTAR-LHE AS GARRAS

PORTO, 29. — A cidade continua a bramar por água. A respectiva empreiteira que se obrigou a abastecer de águas potáveis este velho bairro, vai entretendo a população com interessantíssimas notícias oficiais...

Mas o líquido escasseia; parece-nos que aqueles 10.000 metros cúbicos que o contrato obriga a dita empreiteira a fornecer, invariavelmente todas as 24 horas, o antigo perimetro da cidade — já há muito não anda, permanentemente, pelos canos...

A quem pertence esta empreiteira que, comprometendo-se a dar-nos água para a culinária, para saciar-nos a sede, para a higiene, etc., tão continuamente nos-nos?

Pertence, toda inteirinha, à Compagnie générale des eaux pour le entrager. A sua sede é em Paris, faltandos, saber se ainda é na rua de Anjou-Saint-Honoré n.º 52. A Compagnie générale des eaux — não ostende os seus tentáculos só a Portugal, alargou também, se o intimo, que possuímos nos-nos mente, até aos domínios convidacionados pelas brutalidades dos mal-ditas camisas negras...

E natural que o paço minissilônico das vereações italianas obriguem, mais respeitosamente, a Compagnie générale des eaux a cumprir todas as taxativas disposições dos contratos.

No Porto, onde a honrabilidade municipal joga a cabra-cega com a impunidade certa, ela é um estado camarário dentro do próprio estado, goza duma influência inconcebível que lhe dá foros de intangibilidade perpétua, tão perpétua como as contantes e arruinantes faltas de água... limpa...

A Compagnie générale des eaux tem um serviço bem montado de informação. Os seus representantes no estrangeiro, incluindo os que estão nesta invicta região invadida pelos franceses, abastecedores de água... a retalho, têm o dever de lhe enviar todos os jornais que façam referências à sua probidade líquifacente... Além do indispensável relatório que pormenoriza todas as desculpas enredativas dadas

pelo engenheiro-diretor a fim de alegar as justificadas censuras...

Se assim não se proceder, os mencionados representantes são chamados à fala, porque em Paris na sede da Compagnie générale des eaux, lê-se todos os jornais das localidades onde está passou exclusivo de seca os marcos pontaneiros públicos...

Esta, pois, ao facto de tudo quanto se diz e de tudo quanto se passa... Para ter juizo? Para transmitir as suas provisões reparadoras do mal?

E' demasiado priosa para que arrisque um "minuto no estudo de tão insuficiente problema. A prova desti verdade está no facto da cidade persistir no seu berreiro, reclamando água, senão com factura, pelo meno que chegue para as necessidades instantes. E, igualmente, no caso de revoltar da sua direita edilidade prosseguir no sono da sua complacência duvidosa...

A Compagnie générale des eaux, como não é nacional, evidencia-se muito mais patriota de que qualquer expressa portuguesa. Todo quanto consegue arrepar a população pelo processo do rasgo... o contrato devidamente cumprido, exporta-a para a sua capital: para Paris. Cá, ficam apena os salários dos seus assalariados, e, um outro imposto que porventura possa pagar pela sua grande exploração.

Aqui há uns anos atrás, no tempo em que o nosso sininho tinha forte coacção no mercado e a guerra ainda estava para estalar — as remessas d'argent não eram inferiores a 100.000\$00. Hoje há de subir a milhares,

Isto quer significar que a aguarda Compagnie é muito poderosa, e como potenciada que se digna de ser, empregando todas as acentorias manhas para subornar qualquer dificuldade que lhe surja pela pronta... a singrar as águas turvas que por acaso ainda possam existir na deteriorada canalização...

Longe de nós querermos afirmar que agora pode suceder o mesmo... mas em tempos idos, segundo um bichinho de ourelha que me está a fazer cócegas, qualquer vereador-presidente que tivesse água encanada, estava isento do

risco de ser expulso a pena de multa e de ser mandado a julgamento...

És, em síntese, a Compagnie générale des eaux. C. V. S.

DOS LIVROS E DOS AUTORES

TEATROS & CINEMAS

Latinos e germanos

por Agostinho Campos

Memórias de um vencido

por António Claro

História geral dos Adágios Portugueses

por Ladislau Batalha

Lusitânia, 3.º fascículo da Revista de Estudos Portugueses

Só há poucos dias pôde completar a leitura do último livro de sr. Agostinho de Campos, «Latinos e germanos», motivo porque, algo tardivamente, veio dizer das muitas impressões sobre essa obra que constitui o quarto volume da serie «Commentário. Leve da grande guerra».

O sr. Agostinho de Campos é uma pessoa dum valor mental indiscutível, que trata a crítica ora crônica literária científicamente, torna rigorista, dumta elegância clássica na arte de escrever que, muitas vezes, os seus temas ou assuntos passam por plano secundário e gente-fica-e-enlevado no seu processo literário, no admirável uso que o autor sabe fazer da sua cultura sabiamente arrumada.

Como quais todos os pedagogos, por vezes é árido, intransigente e dogmático nas suas afirmações, endireitando a golpes de fria inteligência todos os desvios ou curvas da sentimentalidade; mas tanto resultados de ensino e esclarecimento se colhem nas suas páginas lúctidas que, no final, a sua cravilha mental resulta intangível.

Este seu livro, «Latinos e germanos», compreende várias e interessantes crónicas escritas de 1914 a 1917 ao redor de diversos aspectos da guerra, mas crónicas onde, a propósito dum minucioso facto, o autor nos vai dando o traço psicológico, a evocação histórica, qualquer-fica-e-enlevado no seu processo literário, no admirável uso que o autor sabe fazer da sua cultura sabiamente arrumada.

Sabem todos que o provérbio ou

adágio andam ligados à sabedoria das nações, sabedoria de que o povo vulgarmente usa, sem saber donde e por que as derivações que elle tantas vezes aplica como sentença, juízo ou comando.

Chama-se o livro «História geral dos adágios portugueses», título este que suficientemente esclarece quanto à natureza da obra, inteiramente nova entre nós.

Sabem todos que o provérbio ou

adágio andam ligados à sabedoria das nações, sabedoria de que o povo vulgarmente usa, sem saber donde e por que as derivações que elle tantas vezes aplica como sentença, juízo ou comando.

— A festa da gentil divite Laura Costa está marcada para terça-feira, no teatro Maria Vitória da Avenida Parque. Nessa noite a revista «Rez-Vez» apresentará ainda outras novidades sensacionais.

Sucedem-se as encontros no Apolo

porque nunca em Portugal se representaram uma peça cuja elaboração mais empolgasse e prendesse a atenção do público do que «O Capital».

Tem enorme importância este livro;

e assim o reconhece o dr. Agostinho Fortes que, no prefácio diz: «Evidentemente, a História dos adágios terá de pesquisar a evolução de todas essas sinteses da actividade mental do homem aplicadas aos variadíssimos aspectos da vida, constituindo um ensinamento no campo positivo e utilitário e, porventura ainda mais, no campo moral.»

Para mim o livro recomenda-se por

que, além de bem escrito e revelar um

enorme trabalho e erudição, vem

em termos modernos e mesmo acaéreos

franceses, esquecendo-se, por vezes,

das consequentes vantagens para

solucionar os defeitos.

— Mas, seja como for, o livro «Latinos e germanos», como todos do mesmo autor, é dos que se leem com imenso agrado, e se guardam com carinho.

A edição cuidadíssima, com uma bela

capa, é da livraria Aillaud e Bertrand.

Está publicado mais um fascículo, o 3.º correspondente a Junho, da «Lusitânia», revista de estudos portugueses.

Traz colaboração dos srs: Joaquim de Vasconcelos, António de Vasconcelos, Jaime de Magalhães Lima, Agostinho de Campos, Luciano Pereira da Silva, Afonso Lopes Vieira, Béteirosouli Rodrigues, Sousa Costa, Vieira de Campos, Castelo Branco Chaves, José de Figueiredo, Venceslau de Moraes, António Sérgio, António Sardinha e Rui Coelho.

Além desta colaboração, evidentemente escolhida, inserem magníficas gravuras, cópias de iluminuras raras e de senhos preciosos, o que, com o aspecto gráfico e riqueza do papel, continua a indicar tal publicação como a primeira cultural que possuímos. Quando o apoio da revista rejeitou os comentários de um leitor, lembrando, apenas, a conveniência de a modernizarem, no interesse comum, visto que sendo ali versões de muito respeitável conteúdo e realização literária que todos devemos estimular.

Bernardino Nunes

Rua da Palma, 40, 1.º

sando a maior soma de leitores e melhor garantindo a sua existência.

Não pelas minhas palavras, mas porque essa intuitiva orientação estava no espírito dos seus diretores, a revista tem melhorado em tal sentido. Parece-me, porém, que mais podia melhorar, e que muitos outros assuntos de actualidade ali podiam ser tratados sem quebra da orientação traçada.

E se tanto insisto é porque, de facto,

a «Lusitânia» representa qualquer chispa de muito respeitável conteúdo e realização literária que todos devemos estimular.

Julião Quintinha

Nota: — Em nosso poder, para referências, mais os seguintes livros: «Rônicas de Rimas» de Silva Tavares; «Jo e a Mascara» de António Patrício; «Hindus» de Eucaristino de Mendonça; «A Idade do Jazz-Band» e «Mar Alto» de António Ferro.

Só se publicam referências às

obras de que nos remetem 2 exemplares.

Está publicado mais um fascículo, o

3.º correspondente a Junho, da «Lusitânia», revista de estudos portugueses.

Traz colaboração dos srs: Joaquim de

Vasconcelos, António de Vasconcelos,

Jáime de Magalhães Lima, Agostinho de

Campos, Luciano Pereira da Silva,

Afonso Lopes Vieira, Béteirosouli Ro-

drigues, Sousa Costa, Vieira de Cam-

pos, Castelo Branco Chaves, José de

Figueiredo, Venceslau de Moraes, António

Sérgio, António Sardinha e Rui Coelho.

Além desta colaboração, evidentemente escolhida, inserem magníficas gravuras, cópias de iluminuras raras e de senhos preciosos, o que, com o aspecto gráfico e riqueza do papel, continua a indicar tal publicação como a primeira cultural que possuímos. Quando o apoio da revista rejeitou os comentários de um leitor, lembrando, apenas, a conveniência de a modernizarem, no interesse comum, visto que sendo ali versões de muito respeitável conteúdo e realização literária que todos devemos estimular.

Julião Quintinha

Nota: — Em nosso poder, para referências, mais os seguintes livros: «Rônicas de Rimas» de Silva Tavares; «Jo e a Mascara» de António Patrício; «Hindus» de Eucaristino de Mendonça; «A Idade do Jazz-Band» e «Mar Alto» de António Ferro.

Só se publicam referências às

obras de que nos remetem 2 exemplares.

Está publicado mais um fascículo, o

3.º correspondente a Junho, da «Lusitânia», revista de estudos portugueses.

Traz colaboração dos srs: Joaquim de

Vasconcelos, António de Vasconcelos,

Jáime de Magalhães Lima, Agostinho de

Campos, Luciano Pereira da Silva,

Afonso Lopes Vieira, Béteirosouli Ro-

drigues, Sousa Costa, Vieira de Cam-

pos, Castelo Branco Chaves, José de

Figueiredo, Venceslau de Moraes, António

Sérgio, António Sardinha e Rui Coelho.

Além desta colaboração, evidentemente

escolhida, inserem magníficas

gravuras, cópias de iluminuras raras e de senhos preciosos, o que, com o aspecto gráfico e riqueza do papel, continua a indicar tal publicação como a primeira cultural que possuímos. Quando o apoio da revista rejeitou os comentários de um leitor, lembrando, apenas, a conveniência de a modernizarem, no interesse comum, visto que sendo ali versões de muito respeitável conteúdo e realização literária que todos devemos estimular.

Julião Quintinha

Nota: — Em nosso poder, para referências, mais os seguintes livros: «Rônicas de Rimas» de Silva Tavares; «Jo e a Mascara» de António Patrício; «Hindus» de Eucaristino de Mendonça; «A Idade do Jazz-Band» e «Mar Alto» de António Ferro.

Só se publicam referências às

obras de que nos remetem 2 exemplares.

Está publicado mais um fascículo, o

3.º correspondente a Junho, da «Lusitânia», revista de estudos portugueses.

Traz colaboração dos srs: Joaquim de

Vasconcelos, António de Vasconcelos,

Jáime de Magalhães Lima, Agostinho de

Campos, Luciano Pereira da Silva,

Afonso Lopes Vieira, Béteirosouli Ro-

drigues, Sousa Costa, Vieira de Cam-

pos, Castelo Branco Chaves, José de

Figueiredo, Venceslau de Moraes, António

Sérgio, António Sardinha e Rui Coelho.

Além desta colaboração, evidentemente

escolhida, inserem magníficas

gravuras, cópias de iluminuras raras e de senhos preciosos, o que, com o aspecto gráfico e riqueza do papel, continua a indicar tal publicação como a primeira cultural

